

DIFERENTES USOS DOS PRONOMES PESSOAIS: INOVAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO OU TENDÊNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA?

Ediene PENA-FERREIRA⁵

RESUMO

Pretende-se, neste trabalho, discutir os diferentes usos dos pronomes pessoais, especificamente o uso de pronomes retos na função de complemento e uso de pronomes oblíquos na função de sujeito, tidos como característica do português brasileiro (PB) que o diferencia do português europeu (PE). As ocorrências encontradas nos fizeram questionar se esses usos são peculiares do PB ou ocorrem ou ocorreram no PE. Para responder a esses questionamentos, analisamos *corpora* de textos escritos e orais do PE e do PB. Para observação de textos escritos utilizamos como referência o *Corpus do português*, organizado por Mark Davies e Michael Ferreira (2006), o COMTELPO (Corpus Mínimo de Textos Escritos da Língua Portuguesa), organizado por Figueiredo-Gomes e Pena-Ferreira (2006), e o Projeto Fly (Forgotten Letters Years 1900-1974) (2008). Os dados dos textos orais foram retirados do CRPC - Corpus de Referência do Português Contemporâneo e do CTOPS - Corpus de Textos Oraís do Português Santarém. Os dados de diferentes variedades da língua portuguesa nos permitem dizer que o uso do pronome oblíquo na função de sujeito e do pronome reto na função de complemento é uma característica da língua portuguesa popular, encontrada em épocas remotas, embora com pouca frequência, e em diferentes regiões. Ocorre que, no português brasileiro, devido à formação histórico-cultural, essa característica se acomodou e se desenvolveu, a ponto de muitos linguistas apontarem esse uso como traço diferenciador do PE e do PB.

PALAVRAS-CHAVE: pronomes pessoais; função nominativa; função acusativa; português brasileiro.

1. Primeiras palavras⁶

O interesse em investigar o comportamento dos pronomes pessoais surgiu pela observação de uso dos pronomes pessoais do caso reto na função de complemento

5 UFOPA – Instituto de Ciências da Educação/Programa de Letras, Av. Marechal Rondon, s/n. Caranazal 68040-090, Santarém-Pará- Brasil. E-mail: ediene.ferreira@ufopa.edu.br.

6 Este trabalho é parte do meu estágio de pós-doutoral, realizado no ILTEC (Instituto de Linguística Teórica e Computacional) de Lisboa/PT, sob orientação do prof. Lachlan Mackenzie. Para a realização da pesquisa tive apoio da CAPES.

verbal, como em (01)

(01) nós adotamos **ele**... então... no caso ele é o irmã::o... sobri::nho né?⁷ (*k27-EP)

e o uso dos pronomes oblíquos na função de sujeito, como em (02)

(02) deram... contribuição com dinhei::ro e::... e:: para *mim* puder ter essa embarcação... (FK8DL)

Esses usos nos levaram a refletir sobre o paradigma dos pronomes pessoais e sobre a mudança como o fenômeno inerente a todo sistema linguístico. Surgiram, portanto, as seguintes indagações: a) Estaria ocorrendo uma mudança de paradigma nos pronomes pessoais, considerando essa alternância de uso entre os pronomes retos e oblíquos? b) Essa mudança caracterizaria somente o português brasileiro ou caracterizaria também o português europeu? c) A alternância, pronomes retos funcionando como complemento verbal e pronomes oblíquos funcionando como sujeito, ocorreria em todas as pessoas ou haveria uma “preferência” por uma pessoa do discurso? d) Essa mudança se caracterizaria como uma inovação ou como uma tendência existente e já prevista no sistema da língua portuguesa?

Para responder a esses questionamentos, analisamos *corpora* de textos escritos e orais do PE e do PB. Para observação de textos escritos utilizamos como referência o *Corpus do português*, organizado por Mark Davies e Michael Ferreira (2006)⁸, o COMTELPO (Corpus Mínimo de Textos Escritos da Língua Portuguesa), organizado por Figueiredo-Gomes e Pena-Ferreira (2006), e o Projeto Fly (Forgotten Letters Years 1900-1974) (2008)⁹. Os dados dos textos orais foram retirados do CRPC - Corpus de Referência do Português Contemporâneo¹⁰ e do CTOPS - Corpus de Textos Oraís do Português Santareno.

Além dos textos produzidos por falantes de Portugal e do Brasil, analisamos ainda textos orais de falantes de língua portuguesa de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Goa, Macau, Timor-Leste.

Antes de analisarmos os dados, faremos uma breve abordagem dos pronomes na tradição gramatical.

7 Ocorrências retiradas do Corpus de Textos Oraís do Português Santareno – CTOPS

8 Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/>

9 Disponível em <http://cards-fly.clul.ul.pt/>

10 Disponível em <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/183-reference-corpus-of-contemporary-portuguese-crpc>

2. Os pronomes: de onde vieram, para onde vão?

É consenso nos compêndios gramaticais, que o pronome é a classe de palavra que acompanha ou substitui o nome. O pronome denota o ser, como o substantivo (nome), mas sem lhe dar a significação natural, ou refere-se ao ser, como o adjetivo (nome), mas sem lhe apontar qualidade ou propriedade, ou seja, a função dos pronomes, nada mais é do que mostrar ou demarcar a pessoa ou coisa sobre a ótica de quem fala ou em ligação a frase, conforme Luft (1996).

De acordo com Vilela & Koch (2001), o próprio nome “Pro-nomen” indica o valor de relação entre esta categoria gramatical e o nome (ou substantivo). Os pronomes possuem características como: serem flexionados normalmente em gênero e número, não são comparáveis e serem elementos que possuem importância denotacional no referencial do texto ou da situação. Desta forma, os pronomes se definem no discurso por não nomear, mas estabelecer a “dêixis”, a “mostração”, a “orientação” e justamente por isso eles tornam o texto flexível, ligando várias partes do texto. Os pronomes também são utilizados como acompanhantes do nome, e desta forma, como determinantes do substantivo.

Os pronomes pessoais são indicadores universais das três pessoas do discurso: quem fala, com quem se fala e de quem/que se fala, admitindo formas no singular com correspondentes no plural (Bechara, 2005).

De acordo com Câmara Júnior (2004), nos pronomes existe um falante (eu) que pode ser associado a si mesmo, uma ou mais pessoas (nós), constituindo então a primeira pessoa do singular (P1) e a primeira pessoa do plural (P4). Opondo-se a eles está um ouvinte, constituindo a segunda pessoa do singular (P2) ou mais de um ouvinte, constituindo a quinta pessoa do plural (P5). E todos os outros seres que se encontram fora do eixo falante-ouvinte, compõem a terceira pessoa do singular (ele/ela – P3), ou a terceira pessoa do plural (eles/elas – P6).

De filiação latina, ainda é possível hoje notar a correspondência entre os pronomes e os casos latinos, como se vê na tabela 01 a seguir:

Como vimos, o pronome *eu* provém de **eo*, redução que no latim popular sofreu o clássico *ego*; corresponde-lhe no plural *nós*. Sequeira (1959), Vasconcelos (1959) e Nunes (1989) informam que em *mim*, de *mi* < *mihi*, deu-se a nasalação por influência do *m* inicial. Como o latim não possuía nenhum pronome para a terceira pessoa, os pronomes demonstrativos *hic*, *iste*, *ipse*, *is*, *idem*, ou *ille* eram usados para preencher

essa lacuna; o latim vulgar utilizou, preferencialmente, no masculino, a forma *elle*, donde *ele*; e no feminino a forma que lhe correspondia no mesmo gênero, isto é, *illa* donde *ela*. Os pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*, assim como as mesmas formas dos artigos definidos, vieram dos demonstrativos.

Tabela 01: Pronomes portugueses x casos latinos

Pessoa	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
Caso			
Nominativo	Ego > eu	Tu > tu	Ille > ele Illa > ela
Dativo	Mihi Mim Me	Tibi Ti te	Sibi > si Illi > lhe
Acusativo	Me > me	Te > te	Se > se
Ablativo	Me > mim Mecum > (mego) comigo	Te > ti Tecum > contigo	Se > so Secum > consigo

(Adaptado de Sequeira, 1959)

As formas *nos* e *vos* (provindas, respectivamente, de *nós* e *nobis*, e de *vós* e *vobis*) tornaram-se átonas por serem proclíticas ou enclíticas. Foi o que ocorreu com *lhe* (de *illi*). Os pronomes *migo*, *tigo* e *sigo* dos arcaicos *mego*, *tego*, *sego*, surgem por analogia de *mi*, *ti*, *si*. *Nosco* e *vosco* não vêm diretamente de *noviscum* e *vosbiscum*, mas de **noscum* e **voscum* do latim vulgar (Nunes, 1989, p.47).

Vasconcelos (1959) afirma que os pronomes *eu* e *tu*, sendo nominativos, só se empregam como sujeitos; os outros pronomes, embora também se empreguem como sujeitos, podem ser regidos de preposições, e servirem de complementos: *ele*, *d'ela*, *por nós*, *entre vós*, *sobre eles*, *com elas*. Macambira (1997) também afirma que os pronomes de primeira e segunda pessoa, *eu* e *tu* respectivamente, possuem uma característica única em meio aos outros pronomes, uma vez que os mesmos só podem ser considerados como sujeito ou predicativo do sujeito (Macambira, 1997). Outras características que também são peculiares a esses dois pronomes com respeito ao aspecto sintático são de que eles não funcionam como objeto direto e não suportam preposições – no caso, para *eu*, para *tu*.

Assim, a tradição nos mostra que os pronomes que correspondem ao caso nominativo latino são usados sintaticamente como sujeito oracional; e os pronomes correspondentes aos demais casos são usados como complementos verbais. Dessa

forma, as gramáticas tradicionais de língua portuguesa apresentam o seguinte quadro para explicar os pronomes pessoais:

Tabela 02: Pronomes pessoais

NÚMERO	PESSOA	PRONOMES RETOS	PRONOMES OBLÍQUOS
Singular	Primeira	Eu	Me, mim, comigo
	Segunda	Tu	Te, ti, contigo
	Terceira	Ele/ela	Se, si, consigo, o, a, lhe
Plural	Primeira	Nós	Nos, conosco
	Segunda	Vós	Vos, convosco
	Terceira	Eles/elas	Se, si, consigo, os, as, lhes

(Adaptado de Abaurre, 2006)

Entretanto, usos do PB vêm mostrar que essa tabela não corresponde à realidade do português falado no Brasil. Primeiro porque a 2ª pessoa do singular e 1ª do plural coocorrem com, respectivamente, as formas “você¹¹” e “a gente”, e a 2ª pessoa do plural está em desuso, sendo substituída por “vocês”, conforme observamos em (03), (04) e (05), respectivamente.

(03) em quanto tempo... em quanto tempo... aconteceu tudo isso? de *você* conhecer... casar... ter filho? (DM02-EP)

(04) não... *a gente* passemos:: mais ou menos uma semana de:::... uma semana eh::: pra conhecer a família... aí fiquemos na casa dela... passeando (DM01-EP)

(05) é como foi? *vocês* passaram um TEMpo lá... ou só conheceram mesmo? (DM01-EP)

Segundo porque essa divisão não corresponde, de forma estanque, ao papel sintático exercido pelo tipo de pronome. Ou seja, pronomes retos nem sempre exerceram o papel

11 Em Portugal, a forma de tratamento *você* nem sempre é considerada muito educada, e, ainda hoje, fora da intimidade, não é raro associá-la a alguém que não é muito culto e tem falta de educação. “[O valor] de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, [é] o que *você* possui no português europeu normal, onde só excepcionalmente – e em certas camadas sociais altas – aparece como forma carinhosa de intimidade. No português de Portugal não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente de seu emprego, usar **você** de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia” (Cunha e Cintra, 1984). Quase trinta anos depois de estas palavras terem sido publicadas, a perspectiva por elas descrita ainda se mantém em Portugal, embora no passado a atitude fosse, em certos meios, mais exacerbada quando se encarava o empregado de *você* (e não o uso da 3ª pessoa do singular com um interlocutor) como traço de falta de trato em situações de comunicação. Não é possível identificar com segurança a origem factual das expressões em apreço, mas parece plausível que *você* fosse usado com serviçais, entre os quais se incluiriam, por exemplo, moços de estrebria, que tinham um trabalho rude. (conversa informal com o prof. João Saramago, maio de 2014)

de sujeito e os oblíquos nem sempre exercem o papel de complemento, como nas ocorrências de (06) a (09).

(06) aí meu pai pegou e levou *nós*

(07) o papai traía muito *ela*

(08) aí ele me pegou e me deu de conta pra *mim* morar...

(09) pra *ti* aprimorar teu corpo

Diante dessas ocorrências, comuns no PB, surgem vários questionamentos sobre o paradigma dos pronomes pessoais. Tais usos são peculiares do PB? Ocorrem ou ocorreram no PE? Há fatores linguísticos que condicionam esses usos?

3. ... E a língua é feita de mudanças

As duas primeiras indagações que norteiam o nosso trabalho (1. Estaria ocorrendo uma mudança de paradigma nos pronomes pessoais, considerando essa alternância de uso entre os pronomes retos e oblíquos? e 2. Essa mudança caracterizaria somente o português brasileiro ou caracterizaria também o português europeu?) já podem ser respondidas.

Há uma liberdade, no português popular tanto brasileiro quanto europeu e africano, quanto ao uso dos pronomes pessoais. Como já apresentado acima, há frequente substituição, no PB, embora com coexistência, dos pronomes *tu* e *nós* por *você* e *a gente*, respectivamente; e a substituição do pronome *vós* por *vocês*. Mas esses usos também ocorrem no PE popular. Alguns estudos sobre a linguagem popular em Portugal comprovam isso.

Alves (1965) estudou a linguagem dos pescadores de Ericeira, uma vila que fica a 42 km de Lisboa, e constatou que:

Embora as formas do pronome pessoal sejam as mesmas do português normal, observam-se, no entanto, diferenças na 1ª pessoa e 2ª pessoas do plural para as quais se empregam as formas: (a) 1ª pessoa – a gente (a par de nós) “a gente somos pescadores”; (b) vocês, boceses (nunca vós). (Alves, 1965, 180)

Esses usos foram constatados também por Cruz (1991), que estudou a aldeia de Odeleite, uma comunidade que pertence ao concelho de Castro Marim, de que dista 14 km, à comarca de Vila Real de Santo António e ao distrito de Faro. A aldeia de pescadores, lavradores e canastreiros tem forte influência moura. Cruz (1991, p. 107) observou que *o pronome sujeito nós é muito frequentemente substituído pela expressão a gente, como é próprio da linguagem popular:*

(10) “Quand’ a gente pod’ à vinha...”

(11) “A genti orden’ a vaca, ô a ovelha, ô essi que fôri...”

(12) “chama-l’ a gente atafarrilha”

A forma do plural *vós* é substituída por *vocês*:

(13) “Vocês é que sabem...”

E o pronome *comigo* é geralmente substituído pela expressão *mais eu*.

(14) “Foi ele mais eu...”

Essa substituição também é realizada no nordeste brasileiro: “o homem que vive mais eu...”¹²

Em Malhada Velha, uma aldeia no Concelho de Penela, distrito de Coimbra, a substituição do pronome *nós* por *a gente* também foi confirmada por Oliveira (1992). A autora diz que *o pronome nós é usado na Malhada Velha como no português-padrão. Por vezes é substituído pelo indefinido ‘a gente’:*

(15) “Nós semos labradoris”

(16) “A genti ó pé d’elis num ganha sebo!”

E constatou que o pronome *vós*, pelo contrário, é sempre substituído por *bocê(s)*, *bossemecê(s)*

(17) E ká stou a aborrecer a vossemecê, num stou?

(18) Bocês são mas é uns rabacêros! (Oliviera, 1992, p. 155)

Em relação ao uso dos pronomes pessoais na função de sujeito e de complemento, Alves (1965) constatou que, em Ericeira, as formas do complemento

12 Fala espontânea de mulher, 50 anos, diarista, em Fortaleza/CE.

direto *o, a, os, as* e de complemento indireto *lhe, lhes*, aparecem substituídas pelas formas *ele, ela, a ele, a ela, a eles, a elas*.

(19) “Eu não quero ele cá dentro”.

(20) “Tinha uma cadêra de berga, escangalhei-ela”.

(21) “Bendi eles há munto ano”.

(22) “Molhómos elas todas” (Alves, 1965, p. 180)

Cruz (1991) observou que em Odeleite o pronome pessoal complemento é usado por vezes com função de sujeito:

(23) “... dá pra mim guardari”.

O caso contrário, o uso do pronome sujeito com função de complemento também se observa por vezes:

(24) “A gente agora vai cercando elas”

Consultando a base de textos orais do CRPC, vimos que o pronome indefinido *gente* vem sendo usado no PE popular com verbo na 1ª pessoa do plural:

(25) “é sim, minha senhora, o navio fica ancorado e *a gente íamos* com os botezinhos é que íamos procurar¹³”

Utilizando a mesma base, verificamos o comportamento dos pronomes no português africano. Encontramos *a gente* substituindo o pronome *nós* em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau:

(26) “eu acho que hoje em dia, com a proliferação de doutores que a gente tem” (Angola)

(27) “essas crianças que a gente tem, ao ficarem em casa só por dois meses” (Moçambique)

(28) “sim, a gente sabe.” (Guiné-Bissau)

E os pronomes *você e vocês* substituindo *tu e vós* em Angola e Goa.

(29) “bom, formada, depende do que você entende por formada, porque, escola secundária, como digo” (Angola)

13 Falante da cidade de Aveiro.

(30) “qualquer coisa que você julga e você acredita” (GOA)

(31) “você entre, em[...], mas, em[...], na juventude” (GOA)

Os dados de Angola nos mostraram que, a exemplo do que ocorre no PB e no PE, os clíticos *o, a, os, as* são substituídos por *ele, ela, eles, elas*.

(32) “eu e o padre Horácio é quem acompanhámos ela até ao hospital” (Angola,002)

Em Moçambique, encontramos os clíticos *o, a, os, as* substituídos por *a ele, a ela*.

(33) “que eu sigo *a ele*” (Moçambique)

(34) “do, do jogo, não é, a, de, da corrida, muita gente começou a criticar *a ela*.” (Moçambique, 005)

O clítico *me* ganhou reforço com a presença de *a mim*.

(35) “e outro segue-me *a mim*” (Moçambique)

Em Angola, o pronome oblíquo *mim* também é usado como sujeito.

(36) “eu tive de sair mesmo da minha família e arranjar um cantinho que é para mim poder viver sozinho trabalhar normalmente, para mim poder sobreviver.” (Angola, 004)

Nos Açores, também encontramos usos parecidos. Medeiros (1964), ao estudar a linguagem da Ilha de São Miguel, constatou que “com infinitivo conjugado, nas circunstâncias de fim, a forma pronominal de primeira pessoa que se usa é *mim* e não *eu*; *p’a mim comê(r)*; *p’a mim me desembaraça(r)*” (p.72).

Os dados apresentados revelam que o uso do pronome do caso reto em função de objeto e o uso do pronome oblíquo em função de sujeito, tidos como características do PB¹⁴, ocorrem nas demais variedades da língua portuguesa, sendo, portanto, um traço peculiar a essa língua e não a uma variedade específica.

Podemos ser tentados a pensar que esses usos são recentes na língua portuguesa, mas Nunes (1989) atesta o uso de *eles, elas* como formas de objeto direto no português arcaico. Diz o autor que na literatura antiga encontra-se por vezes o pronome *ele* ou *el* empregado também como acusativo ou complemento directo; assim no Livro de Esopo (edição Leite de Vasconcelos) lê-se a pág.33 *que enforacariam ell*. Veja-se exemplo

14 Un phenomèna remarquable est celui de l’inversion des pronoms (...). Le pronom sujet s’emploie au lieu d’accusatif: chamar eles “chamá-los” ou “chamá-los a eles”. (Vasconcellos, 1970, p.132)

idêntico em documento do século VIII, pág.39. Igual prática subsiste no português do Brasil, segundo informa Leite de Vasconcelos no seu livro *Esquisse d'une dialectologie portuguaise*.

Esse emprego dos pronomes, então, poderia ser considerado um uso existente no português arcaico e que se manteve no português popular contemporâneo, com maior ou menor frequência dependendo da variedade. No PB, por exemplo, esse uso, na oralidade, é praticamente generalizado, e às vezes, independe da classe social ou do nível de escolaridade, conforme observamos em uma rápida análise dos dados do CTOPS (Campos; Pena-Ferreira, 2013).

Tabela 03: Tempo de Escolaridade

Função Sintática / Tempo de Escolaridade	Pronome Reto com função de sujeito	Pronome Reto com função de complemento	Pronome Oblíquo com função de sujeito	Pronome Oblíquo com função de complemento	Total
0 – 4 anos	10 (26%)	20 (53%)	8 (21%)	0	38
5 – 8 anos	31 (39%)	37 (46%)	11 (14%)	1 (1%)	80
9 – 12 anos	17 (35%)	25 (51%)	7 (14%)	0	49
+ 12 anos	17 (33%)	23 (44%)	11 (21%)	1 (2%)	52
TOTAL	75 (34%)	105 (48%)	37 (17%)	2 (1%)	219

De acordo com Campos e Pena-Ferreira (2013), até os falantes com mais de 12 anos de escolaridade, os com nível superior, portanto, tendem, preferencialmente, a usar tantos os pronomes retos na função de complemento quanto o oblíquo na função de sujeito.

Equivocadamente poderíamos supor que essa preferência ocorre somente na oralidade. Mas, notamos em textos narrativos, como romances e novelas, do PB, o uso dos pronomes *ele* e *ela* como complementos verbais.

(37) “De tarde quando volta do serviço, a Carmela chama ele na cerca” (O Besouro e a Rosa, 1923)

(38) “Toda vez que eu canto ele” (Auto da Compadecida, 1955)

(39) “Terror sem fundamento, bem se vê... lavaram ela, Dona Carlotinha se deu ao trabalho de acender o fogo” (Grande Serão Veredas, 1956)

(40) “Que é para o estrangeiro respeitar ele” (Viva o povo brasileiro, 1984)

As ocorrências (37) a (40) foram encontradas em obras do período modernista. Cabe lembrar que o Movimento Modernista no Brasil caracterizou-se pela quebra de

padrões e pela tentativa de valorização do que é local. Talvez essa característica explique o uso de tais construções como sendo um uso do homem brasileiro, retratado nessas obras.

2.1 As preferências da língua

2.2.1 Pronomes retos em função acusativa

Cientes do uso de pronomes retos na função de complemento e de pronomes oblíquos na função de sujeito, questionamos se essa alternância ocorre em todas as pessoas ou se há uma preferência por uma pessoa do discurso.

Observando o *corpus* selecionado para este trabalho, encontramos 136 (cento e trinta e seis) ocorrências de pronomes retos em função acusativa; e 38 (trinta e oito) ocorrências de pronomes oblíquos em função de sujeito.

Percebemos que, em função acusativa, parece haver uma preferência pela terceira pessoa do singular, pois das 136 (cento e trinta e seis) ocorrências em que pronomes retos figuram como complemento, 105 (cento e cinco) são ocorrências com 3ª pessoa.

(41) como eu moro na casa do meu tio né?... eu ajudo *ele* lá

(42) eu conheci *ela* através de um colega nosso

Na tabela a seguir distribuimos o número de ocorrências de cada pessoa do discurso.

Tabela 04: Pessoas do discurso – pronomes retos em função de complemento

Pessoas do discurso	do 1ª pessoa do singular	do 2ª pessoa do singular	do 3ª pessoa do singular	do 1ª pessoa do plural	do 2ª pessoa do plural	do 3ª pessoa do plural
Quantidade de ocorrência	10	02	105	05	00	14

Com exceção da 2ª pessoa do plural, em desuso no PB, encontramos ocorrências de todas as outras pessoas do discurso, embora em número bem menor em relação à 3ª pessoa do singular.

A 1ª pessoa do singular foi mais encontrada em letras de canções populares, como demonstrado abaixo:

(43) Cê ta querendo *eu*, eu também tô te querendo

Pega *eu*, leva *eu*, chama *eu* que eu vou correndo (<http://letras.com/fernando-sorocaba/1908467/>)

(44) Quem quiser um coração

Cheio de amor e paixão

Tenho pra dar e vender

Pega *eu* e leva pra você

Pega *eu* e leva pra você (<http://letras.com/leonardo/pega-eu-e-leva-pra-voce/>)

(45) Ô leva eu, Eva Eva

Leva também o meu amor, Eva Eva

E vamos juntos na avenida

É carnaval em São Salvador (<http://letras.com/ivete-sangalo/121393/>)

(46) Leva eu, leva eu

não quero ficar só

papai por favor

me leva pro forró (<http://letras.com/forro-do-muido/1629813/>)

(47) Molha eu,

Seca eu,

Deixa que eu seja o céu

E receba

O que seja seu.

Anoiteça e amanheça eu.

Beija eu,

Beija eu,

Beija eu, me beija. (<http://letras.com/marisa-monte/63/>)

(48) O leva eu

Minha sodade

eu também quero ir

Minha sodade

quando chego na ladeira

tenho medo de cair

leva eu

leva eu (<http://letras.mus.br/nilo-amaro-seus-cantores-de-ebano/664149/>)

(49) Deixa a vida me levar

(Vida leva eu!)

Deixa a vida me levar

(Vida leva eu!)

Sou feliz e agradeço

Por tudo que Deus me deu... (<http://letras.mus.br/zeca-pagodinho/49398/>)

Todas essas letras apresentadas são de autores brasileiros, mas encontramos uma letra escrita por um autor português chamado Cabuenha.

(50) Leva eu pra Angola e

Leva eu pra Angola e a

Pra saber dos fundamentos

Entender capoeira (<http://capoeiralyrics.info/Songs/Details/345>)




Esses usos parecem retratar o falar do homem simples, relacionando essa escolha linguística à classe social do falante. Em textos mais espontâneos, encontramos esse uso apenas quando a construção se caracterizava como sentença complexa, ou seja, quando há mais de uma oração em contextos em que o complemento da primeira se confunde com o sujeito da segunda:

(51) eu não quero mais... nem contato com ele... porque... *o que ele fez eu passar...*

(52) mandou eu ir duas horas

(53) ela deixou eu sair lá na porta

Observe que essas ocorrências apresentam a mesma estrutura:


{ele fazer algo {eu passar}}

{alguém mandar algo {eu ir}}

{ela deixar algo {eu sair}}

De acordo com o que os gramáticos consideram padrão da língua portuguesa, em relação à escolha pronominal, as ocorrências acima seriam reescritas assim:

(52a) o que ele me faz passar

(51b) mandou-me ir duas horas

(53c) ela deixou-me sair lá na porta.

Pela estrutura da oração, percebemos que o falante pode optar por escolher usar o pronome de 1ª pessoa em sua forma oblíqua (*me*) ou em sua forma reta (*eu*). Como, no PB, o sujeito parece ter maior importância sintática, ou seja, se um dos elementos tiver que ser excluído da sentença opta-se por excluir o complemento e preservar o sujeito, o falante tende a escolher o sujeito, daí a preferência pela forma ‘eu’ e não ‘me’ em sentenças como as apresentadas acima.

Com a primeira pessoa do plural em função acusativa encontramos 05 (cinco) ocorrências, como a apresentada abaixo:

(54) aí meu pai pegou e levou *nós*

O uso da segunda pessoa do singular como complemento não apareceu na fala espontânea, apenas notamos o uso em letras de música, embora reconheçamos que esse uso é comum no nordeste brasileiro.

(55) É eu precisava tanto falar com ela

Mas eu vo falar *pra tu*

E *tu* dá uma forcinha pra eu tá

Olha eu vou falar *pra tu*

Pra tu falar pra ela

Pra ela falar. (<http://letras.com/tiririca/369908/>)

Talvez o pouco uso do pronome ‘tu’ deva-se ao fato de este pronome estar em concorrência e em coocorrência com o pronome ‘você’.

(56) eh eu gostaria de perGUNTAR a você.

(57) ... o que mudou em você...

(58) qual a imPORTÂNCIA dessa experiência nesse projeto PARA VOCÊ?

Já a terceira pessoa do singular ‘ele/ela’ é a preferida na posição de acusativo.

Talvez isso se explique por ser a 3ª pessoa o referente constante no discurso. Como se tratam de narrativas, o tema é sempre sobre um referente e esse referente aparece frequentemente na narrativa. O fato de haver uma incidência do pronome reto em detrimento do oblíquo, nesta função, pode ser explicado por ser aquele mais transparente que este; é como se o falante precisasse resgatar integralmente o referente, vejamos um exemplo:

(59) a gente tinha feito uma aposta... logo que nós vimos *ela*

Nesta narrativa, o falante está contando como conheceu a namorada. Ele e o amigo fizeram uma aposta para ver quem sairia primeiro com a garota. Retomar esse referente por meio do pronome reto parece torná-lo mais presente na narrativa, veja a diferença:

(59) a gente tinha feito uma aposta... logo que nós *vimos ela*

(59a) a gente tinha feito uma aposta... logo que nós **a** *vimos*.

Talvez a necessidade de ser explícito na narrativa leve o falante a preferir a transparência do pronome reto à opacidade do pronome oblíquo.

Observamos também se características semânticas do referente influenciariam na escolha do pronome. Percebemos que o uso do *ele/ela* independe da natureza do referente, pois retomam tanto entidades com os traços [+animado] e [+humano], quanto [+animado] e [-humano] até entidade com o traço [-animado]:

(60) eu conheci *ela* através de um colega nosso (*ela* = esposa, traços [+animado] [+humano])

(61) quando eles comiam... que as cobra iam pegar *eles*... eles corriam (*eles* = os patos, traços [+animado], [-humano])

(62) ... aquele coisa do do cigarro... não tem aquele pacotinho... de maratá... *ela* gosta de mascar *ele* (*ele* = cigarro, traços [-animado])

Foram registradas 14 (quatorze) ocorrências da 3ª pessoa do plural, como em (63):

(63) só o que nós devemos pedir é pra Deus que abençoe eles...

2.2.2 Pronomes oblíquos em função nominativa

Entendemos que há um equilíbrio em todo sistema linguístico. Devido a esse equilíbrio, esperamos que os pronomes oblíquos também passem a ocupar o lugar dos retos na função de sujeito, uma vez que estes, como mostramos nos exemplos acima, passaram a exercer função de complemento.

Isso de fato vem ocorrendo na língua, mas, de acordo com nossos dados, de forma menos frequente. Registramos 38 (trinta e oito) ocorrências e observamos que o fenômeno ocorre apenas na primeira e segunda pessoas do singular, com o pronome tônico *mim* e o átono *te*, respectivamente.

Tabela 05: Pessoas do discurso – pronomes oblíquos em função de sujeito


Pessoas do discurso	do 1ª pessoa do singular <i>mim</i>	do 2ª pessoa do singular <i>te</i>	do 3ª pessoa do singular	do 1ª pessoa do plural	do 2ª pessoa do plural	do 3ª pessoa do plural
Quantidade de ocorrência	29	09	00	00	00	00


A tabela 05 nos mostra que quando o pronome oblíquo é usado na função de sujeito, preferencialmente, é o pronome *mim* que ocupa essa função. Um detalhe importante é que nos dados analisados só registramos esse uso na construção [preposição para + pronome + verbo no infinitivo], como mostrado nas ocorrências (64) e (65):

(64) u::m rendimento vamos dizer assim ao final do mês... que dava suporte *pra mim* viver comecei a sentir o sabor da independência nesse tempo...

(65) agora eu vou amornar uma água *pra mim* tomar um BA::nho

Parece haver uma fixidez nesse tipo de construção, e o falante parece não reconhecer o *mim* como sujeito para segunda oração, mas sim como complemento da primeira. As sentenças (63) e (64) podem ser representadas pela estrutura abaixo:

(64a) [Dava suporte para algo  [X viver]]

(65b) [amornar água para algo  [X tomar um banho]]

Em que X é o sujeito da segunda oração. Como o sujeito é pronominal, espera-se

que o pronome escolhido seja um pronome do caso reto. Mas o falante talvez não interprete a sentença dessa forma, a interpretação dada parece ser a seguinte:

(64c) [Dava suporte para mim [viver]]

(65d) [amornar água para mim [tomar um banho]]

Esses casos são uma clara demonstração de que o pronome *mim* faz parte da primeira oração, atraído pela preposição *para*, não sendo, portanto, sujeito da próxima oração. O fato de o verbo da segunda oração estar reduzido à forma nominal infinitiva contribui, acreditamos, para que o falante não considere necessária a presença de um sujeito exposto, como, talvez, acontecesse se o verbo estivesse flexionado na forma finita. Não encontramos, por exemplo, construções em que o pronome *mim* substituísse o pronome *eu* iniciando sentenças, como em * “mim não quero mais nem contato com ele”. No discurso espontâneo, por menos escolarizado que seja o falante, esse uso não ocorre, o que nos faz pensar que a substituição do pronome oblíquo pelo pronome reto, na 1ª pessoa, esteja condicionada à presença da preposição *para* e de verbo no infinito. A forma [para mim] parece ser uma espécie de construção pré-fabricada.

O termo *construção pré-fabricada* é aqui usado no sentido que Bybee (2010) utilizou para itens semanticamente semelhantes que se agrupam em torno de um exemplar de alta frequência – um pré-fabricado. Unidades pré-fabricadas são definidas por Bybee (2010) como qualquer expressão convencionalizada, como propõem Erman e Warren (2000). Para estes, os pré-fabricados linguísticos (prefabs) são combinações, utilizadas por falantes nativos, de duas ou mais palavras de preferência a combinações alternativas que poderiam, se não houvesse convencionalização, ser equivalentes.

Os pré-fabricados acabam sendo formas de identificação cultural de uma comunidade particular, incorporando-se ao repertório linguístico por meio da alta frequência. A frequência, para Bybee (2003), é um importante mecanismo para a formação da gramática, pois, segundo a autora, as construções gramaticais são rotinas motoras automatizadas que podem ser organizadas para que o discurso se torne mais fluente. Essa automatização ocorre devido à repetição, por meio da qual sequências de unidades, anteriormente independentes, tornam-se uma só.

A repetição constante leva à *habituação* e à *emancipação*. Segundo Bybee (2003a, p.154), habituação é o processo pelo qual um organismo não mais responde a estímulos repetidos, perdendo, assim, sua força semântica; e emancipação é o processo

pelo qual a função instrumental original assume uma função simbólica inferida do contexto no qual ocorre¹⁵.

Dessa forma, podemos dizer que as construções gramaticais são modificadas ou mantidas por meio do mesmo mecanismo, a repetição, atendendo às necessidades cognitivas e comunicativas do falante. Para dar conta dessas necessidades, as gramáticas das línguas naturais não podem ser concebidas como estáticas e acabadas. O seu aspecto não-estável manifesta-se por meio da variação e da mudança. Assim, dizemos que a gramática está em um contínuo processo e que sua estrutura linguística apresenta uma relativa estabilidade, pois, sincronicamente, a gramática exhibe, de modo simultâneo, padrões regulares, rígidos, e padrões que não são completamente fixos, mas fluidos.

Em outras palavras, podemos dizer que, ao lado de padrões relativamente fixos e resistentes a alterações, há, na gramática, formas que tendem a assumir novas funções, padrões novos que se estabilizam, resultando numa reformulação da gramática. Isso ocorre porque as gramáticas adaptam-se às necessidades de expressão dos usuários. É a situação comunicativa que motiva, em parte, a estrutura da gramática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abaurre, M. L. M. 2006. *Gramática: Texto: Análise e Construção de sentido*: volume único. São Paulo: Moderna.
- Alves, Joana Lopes. 1965. *A linguagem dos pescadores da Ericeira*. Junta Distrital de Lisboa.
- Bechara, Evanildo. 2005. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Bybee, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: Jandra, R.; Bybee, Joan. 2010. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge.
- Câmara JR., J. M. 2004. *Estrutura da língua portuguesa*. Ed. Vozes. Petrópolis.
- Cruz, Maria Luisa Segura da. 1991. *O falar de Odeleite*. Instituto Nacional de Investigação Científica. Lisboa.
- Davies, Mark and Michael Ferreira. (2006-) *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Available online at <http://www.corpusdoportugues.org>.

15 [...] habituation, the process by which an organism ceases to respond at the same level to a repeated stimulus(...). [...] the process of emancipation, by which the original instrumental function of the practice take on a symbolic function inferred from the context in which it occurs. (BYBEE, 2003, p. 154)

Erman, B.; Warren, B. 2000 *The idiom principle and the open choice principle*. Text., 20(1), p.29-62. Fox, Gwyneth.

Figueiredo-Gomes, J.B.; Pena-Ferreira, E. (orgs.) *Corpus mínimo de textos escritos em língua portuguesa*. Lisboa, 2006.

Luft, C. P. 1996. *Novo Manual de Português*. 3ª ed. – São Paulo – Globo.

Macambira, J. R. 1997. *A estrutura morfo-sintática do português*. 8ª ed. – São Paulo, Pioneira.

Medeiros, M. de J. C de. 1964. *A linguagem micaelense em alguns dos seus aspectos*. Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Nunes, José Joaquim. 1989. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora.

Oliveira, Margarida Gama de. 1992. *Malhada Velha (um lugar da serra no concelho de Penela): Estudo etnográfico, linguístico e folclórico*. Edição da Câmara Municipal de Penela.

Pena-Ferreira, E; Lima-Gomes, M. 2010. *Corpus de Textos Oraís do Português Santareno – CTOPS*. 1. ed. Santarém: Gráfica e Ed. Tiagão, v. I. 436 p.

Sequeira, Francisco Júlio Martins. 1959. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Popular.

Vasconcelos, José Leite de. 1959. *Lições de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro. Livros de Portugal. 3ª edição.

Vilela, M. Koch, I. V. 2001. *Gramática Da Língua Portuguesa*. São Paulo.

